

## A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA

Marília Corrêa Amaro<sup>1</sup>  
Luís Abel da Silva Filho<sup>2</sup>  
Fládia Valéria Dantas dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

A inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro é resultado de um processo de transição da mulher nas relações sociais, políticas e econômicas. O avanço delas no mercado de trabalho mostra-se presente em todos os setores de atividade ao longo dos anos. Os "ghetos" masculinos comprimem-se com a ofensiva feminina. Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar a participação feminina no mercado de trabalho da construção civil brasileira e o perfil socioeconômico das mulheres ocupadas. Os dados são da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE e contemplam o recorte temporal nos anos de 2006 e 2012. Os resultados mostram o avanço da participação feminina no mercado de trabalho formal da construção civil brasileira, com taxa de crescimento ocupacional superior à masculina em todos os setores da construção nos anos em apreço. Em relação às características demográficas e socioeconômicas, pode-se observar concentração de mulheres ocupadas na faixa etária de 30 a 39 anos, em estabelecimentos de microporte e com escolaridade entre o ensino médio e o ensino superior. Ademais, registraram-se participação acentuadamente elevada de mulheres deixando seus postos de trabalho em menos de um ano, além da forte concentração de ocupadas auferindo rendimentos em até 1 salário mínimo.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho; Construção civil; Participação feminina.

### WOMAN IN FORMAL LABOR MARKET OF CONSTRUCTION BRAZILIAN

### ABSTRACT

Integrating women in the Brazilian labor market is a result of a woman's transition process in the social, political and economic. The advance them in the labor market shows itself present in all sectors of activity over the years. The "ghettos" compress male with female offensive. Thus, the purpose of this article is to analyze women's participation in the Brazilian civil construction labor market and the socioeconomic profile of working women. The data are from Cancels List of Social Information - RAIS the Ministry of Labor and Employment - MTE and include the time frame between 2006 and 2012. The results show the advancement of female participation in the formal labor market of the Brazilian civil construction, with higher than male occupational rate of growth in all sectors of construction in the years in question. In terms of demographic and socioeconomic characteristics, it can be observed concentration of employed women aged 30-30 years in establishments micro sized and education between high school and higher education. Moreover, there have markedly higher participation of women leaving their jobs in less than a year, in addition to the high concentration of busy earning income by up to 1 minimum wage.

**Keywords:** Labor market; Construction; Female participation.

**JEL:** J62

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri - URCA <amaro.marilia@gmail.com>

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri - URCA - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP <abeleconomia@hotmail.com>

<sup>3</sup> Universidade Federal do Espírito Santo - UFES <fladiavaleria@hotmail.com>



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A reconfiguração do mercado de trabalho e a inserção feminina nos diversos setores de atividade econômica no Brasil é relativamente recente. Embora a luta por direitos iguais e a inserção das mulheres na vida política, social e econômica tenha se iniciado há mais tempo em outras sociedades, na brasileira essa acessão é das últimas décadas do século XX. As ações implementadas pelo movimento feminista tem acentuado o processo de politização da mulher na sociedade e tem lhe legado maior ganho de espaço em todos os setores da sociedade, seja eles; políticos, econômicos e religiosos.

Esse avanço é uma ofensiva às arcaicas relações sociais enfrentadas pela mulher na sociedade brasileira, nas quais se configuravam somente com mães e donas de casa. O avanço das mulheres no mercado de trabalho é uma constante no Brasil, embora ainda existam discrepâncias significativamente acentuadas, com redução desse grau ao longo dos anos. Alguns setores denominados essencialmente de “*guetos*” masculinos já registram elevação da participação feminina nessas atividades.

Outrossim, é oportuno destacar que ainda há maioria significativamente acentuada da participação masculinas em atividades de maior projeção social, bem como as mulheres ocupam cargos de relevância significativa, mas com direitos e privilégios inferiores aos deles. Nesse sentido, é, pois, perceptível a maior inserção feminina no mercado de trabalho. Todavia, registra-se ainda a acentuada disparidade nas ocupações entre os sexos.

No mercado formal de trabalho brasileiro, somente no setor de serviços se tem registros de maioria da participação feminina em detrimento da masculina, sendo esse um fenômeno recentemente observado – apenas a partir de meados dos anos 2000 – com registro de pífia maioria feminina. A indústria, setor de atividade econômica de alta relevância na projeção social, a maioria é esmagadoramente masculina. Ademais, destaque-se, ainda, que, há setores que promovem seleção “natural” aonde as possibilidades de inserção feminina tornam-se mínimas, a exemplo da construção civil e das atividades formais da agropecuária.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a participação feminina no mercado de trabalho formal da construção civil brasileira. O recorte temporal

compreende os anos de 2006 e 2012. Inicialmente, faz-se um estudo comparativo entre homens e mulheres ocupados e, posteriormente, busca-se analisar o perfil socioeconômico e demográfico das mulheres ocupadas na construção civil, comparando o desempenho entre os anos em apreço.

Para atingir o objetivo do estudo, o artigo encontra-se, assim, estruturado: além das considerações iniciais, a segunda seção aborda a dinâmica do mercado de trabalho na construção civil; em seguida, na terceira seção, busca-se analisar comparativamente os registros de ocupações masculinas e femininas na construção civil, pela divisão da Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE; em seguida, na quarta seção, faz-se uma exposição quantitativa e uma análise qualitativa dos dados acerca das características socioeconômicas e demográficas das mulheres ocupadas na construção civil brasileira; e, por fim, tecem-se algumas considerações finais.

## **2 CRESCIMENTO ECONÔMICO E A DINÂMICA DO MERCADO DE TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA**

A retomada do crescimento econômico brasileiro, a partir de 2003, foi responsável pela recuperação das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto – PIB e dos contratos formais de trabalho ainda no final daquele ano (DEDDECA; ROSANDISKI, 2005). Os anos que se sucederam a ele, foram marcados pelo crescimento econômico relativamente expressivo, quando comparado aos anos de 1990, com destaque em setores basilares ao crescimento econômico do país. Essa trajetória foi positivamente afetada pela conjuntura macroeconômica do país frente ao comércio internacional (CINTRA, 2005).

A interrupção do ritmo de crescimento econômico do país foi registrada no ano de 2008, com a crise do mercado financeiro internacional, mesmo que seus efeitos no Brasil tenham sido relativizados pela política econômica com foco nas políticas fiscais instituídas pelo Governo Federal brasileiro. Os efeitos no mercado formal de trabalho foram levemente observados, com registros de queima de postos de trabalho nos setores da agropecuária, consoante estudo de Silva Filho; Queiroz (2011).

A retomada do crescimento econômico, em 2010, após uma momentânea interrupção no ano de 2009, causada pela crise internacional de 2008, proporcionou melhoras no mercado de trabalho das regiões metropolitanas como a de Belo

Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, São Paulo e Distrito Federal. Diante desse cenário a construção civil se sobressaiu como um dos principais carros-chefes do crescimento econômico através da recuperação do investimento e do maior acesso ao crédito e à isenção de impostos sobre material de construção (DIEESE, 2010).

A conjuntura da política econômica brasileira, através das ações do Governo Federal, proporcionou como resposta à eclosão da crise e seus desdobramentos, uma série de políticas e estímulos governamentais, pautadas em políticas fiscais restritivas e políticas monetárias expansionistas, sobretudo. Ademais, foi perceptível a continuidade dos programas sociais de impulso ao desenvolvimento de infraestrutura e ampliação da malha de habitação popular, bem como a intensificação das obras para copa do mundo de 2014 e olimpíadas de 2016, revelando cenário promissor para construção civil (SILVA, 2013).

Essas ações permitiram a elevação das constatações formais na construção civil brasileira, setor de atividade econômica com capacidade acentuadamente elevada de contratação de mão de obra com baixo nível de escolaridade, sobretudo para a execução de atividades de edificações e de infraestrutura urbana e empresarial. Nesse sentido, parte considerável de contingente populacional ocupado faz parte de uma força de trabalho com menores possibilidades de entronização em atividades de melhor prestígio econômico e com capacidade significativamente reduzida de absorção de mão de obra pouco escolarizada.

Considerando-se, pois, que o setor de construção civil é um dos maiores geradores de empregos diretos e indiretos em períodos de expansão estrutural e crescimento econômico no país, respondendo pelas mais elevadas taxas de crescimento na geração de postos formais de trabalho na última década, deve-se, pois, observar o comportamento do mercado de trabalho à luz do processo de transformação setorial. Nesse sentido, cabe, pois, indagar: o crescimento econômico observado no setor de construção civil no Brasil elevou a participação de mulheres formalmente ocupadas?

A inserção feminina no mercado de trabalho apresentou alterações de ordem qualitativa, pois as mulheres passaram a ocupar diversos postos de trabalho, como exemplo de destaque o setor da construção civil, o qual tinha funções antes exercidas majoritariamente por homens (SILVA, 2013). Porém, apesar dessa maior

ocupação, estudos indicam a persistência de impedimentos para uma maior integração das mulheres nesse setor, dentre eles, a discriminação de gênero nos ambientes de trabalho, sendo que a maior dificuldade enfrentada pelas engenheiras é chegar aos postos de comando nas organizações (LOMBARDI, 2008).

As desigualdades sofridas pelas mulheres não se restringiram somente ao mercado de trabalho; também se observa no tocante aos direitos sociais, que denominam as mulheres como esposas e mães, papel com pouco valor econômico, uma relação de total dependência do sexo masculino no tocante ao acesso à proteção social, sendo a mulher vista como subordinada ao trabalho doméstico. Cabe, pois, reconhecer a importante evolução da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro, sem, contudo, deixar de enfatizar as dificuldades por elas enfrentadas para ocupar postos de trabalho de elevada projeção social ou adentrar nos “*guetos*” predominantemente masculinos (WAJNMAN; PERPÉTUO, 1997; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2000; LEONE, 2003; BRUSCHINI, 2006; 2007; LEONE; BALTAR, 2010).

Para Neves e Pedrosa (2007), após diversos estudos realizados que tratam da reestruturação produtiva e gênero, vê-se que a mulher conseguiu aumentar sua participação no mercado de trabalho, porém com dificuldades de inserção em alguns setores por maior precarização, reforçando situações históricas de discriminação na sociedade. As múltiplas situações de inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho apontam as apresentações sobre o gênero masculino e feminino construídos culturalmente, ou seja, a base da divisão sexual do trabalho vem de representações culturais, verificando-se distinção de cargos a serem ocupados por homens e mulheres.

### **3 COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA**

A boa dinâmica vivenciada pelo setor da construção civil tem como condicionantes um conjunto de medidas, como o aumento do crédito, o apoio de bancos públicos ao setor produtivo, a redução dos impostos e o maior número de obras públicas (Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, e o Programa Minha Casa, Minha Vida). Além dos investimentos para as obras de infraestrutura de

transporte e logística, para a exploração do Pré-Sal e para a copa do mundo de 2014 e os jogos olímpicos de 2016 (SILVA, 2013).

Diante desse cenário, e das diversas profissões existentes, a análise da tabela 01 busca identificar a participação da mulher segundo os subsetores do IBGE, comparando os anos de 2006 e 2012 em relação à construção civil. Como já apontam diversos estudos, a mulher vem aumentando a sua participação no mercado de trabalho, mesmo que ainda com baixa participação relativa (COSTA, 2008). A tabela 01 corrobora essa informação.

Tabela 1 - Número de ocupados formais por Subsetor da classificação do IBGE segundo sexo do trabalhador, 2006/2012- Brasil

IBGE Subsetor	2006				2012				% ABS	
	MAS		FEM		MAS		FEM		MAS	FEM
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	%	%
Extrativa Mineral	165.451	90,3	17.737	9,7	228.703	88,2	30.594	11,8	38,23	72,49
Prod. Mineral Não Metálico	284.877	88,7	36.300	11,3	391.304	87,2	57.367	12,8	37,36	58,04
Indústria Metalúrgica	574.310	88,7	73.025	11,3	697.343	85,8	115.112	14,2	21,42	57,63
Indústria Mecânica	352.489	84,8	63.286	15,2	511.770	81,5	116.502	18,5	45,19	84,09
Elétrico e Comunic	162.782	67,0	80.289	33,0	197.929	63,7	112.612	36,3	21,59	40,26
Material de Transporte	388.678	88,9	48.615	11,1	510.817	85,0	90.026	15,0	31,42	85,18
Madeira e Mobiliário	366.563	82,7	76.471	17,3	382.332	78,8	103.089	21,2	4,30	34,81
Papel e Gráf	258.155	71,6	102.212	28,4	279.728	68,4	129.157	31,6	8,36	26,36
Borracha, Fumo, Couros	211.937	71,0	86.592	29,0	227.037	67,8	108.005	32,2	7,12	24,73
Indústria Química	477.196	70,8	196.391	29,2	656.428	70,2	278.205	29,8	37,56	41,66
Indústria Têxtil	340.678	39,0	533.810	61,0	367.444	36,3	644.270	63,7	7,86	20,69
Indústria Calçados	153.073	49,9	153.718	50,1	157.614	47,2	176.441	52,8	2,97	14,78
Alimentos e Bebidas	1.117.434	71,0	455.902	29,0	1.203.334	65,5	634.462	34,5	7,69	39,17
Serviço Utilidade Pública	288.867	83,8	55.698	16,2	342.563	80,9	80.714	19,1	18,59	44,91
Construção Civil	1.294.415	92,9	99.031	7,1	2.591.904	91,5	240.666	8,5	100,24	143,02
Comércio Varejista	3.096.421	58,2	2.224.941	41,8	4.157.145	54,0	3.540.775	46,0	34,26	59,14
Comércio Atacadista	723.324	71,7	285.655	28,3	1.052.955	68,9	475.280	31,1	45,57	66,38
Instituição Financeira	331.322	50,0	331.825	50,0	393.984	46,9	445.405	53,1	18,91	34,23
Administração Técnica Profissional	2.222.679	66,1	1.141.772	33,9	3.227.258	61,3	2.034.480	38,7	45,20	78,19
Transporte e Comunicações	1.472.921	83,7	286.597	16,3	2.102.880	80,3	514.543	19,7	42,77	79,54
Alojamento	1.416.787	47,6	1.556.591	52,4	1.749.047	43,3	2.287.220	56,7	23,45	46,94
Comunicacão Médicos										
Odontológicos										
Veterinários	301.115	25,3	887.460	74,7	400.841	23,5	1.303.998	76,5	33,12	46,94
Ensino	474.001	37,0	806.811	63,0	660.473	38,7	1.047.256	61,3	39,34	29,80
Administração Pública	3.226.101	41,8	4.495.714	58,2	3.595.658	40,2	5.341.785	59,8	11,46	18,82
Agricultura	1.163.969	85,8	193.261	14,2	1.215.689	83,0	248.568	17,0	4,44	28,62
<b>Total</b>	<b>20.865.545</b>	<b>59,4</b>	<b>14.289.704</b>	<b>40,6</b>	<b>27.302.180</b>	<b>57,5</b>	<b>20.156.532</b>	<b>42,5</b>	<b>30,85</b>	<b>41,06</b>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/ TEM

No ano de 2006, o maior número de empregos formais do sexo feminino encontrou-se na Administração Pública, 4.495.714 (58,2%), enquanto os homens se apresentaram com o número inferior de 3.226.101(41,8%) nesse subsetor. Em segundo lugar, as mulheres se destacam no comércio varejista com 2.224.941 (41,8%) no número de empregos formais, e em terceiro lugar com alojamento e Comunicação com 1.556.591 (52,4%).

No ano de 2012, as mulheres continuaram a se destacar na administração pública com 5.341.785 empregos formais, representando um percentual de 59,8%, maior do que no sexo masculino no qual apresentou um percentual de 40,2%. No comércio varejista a participação feminina continua a assumir a posição de segundo lugar com 3.540.775(46%) empregos, representando a variação de 59,14%; e em terceiro lugar, a posição continua a ser do subsetor alojamento Comunicação, com 2.287.220 (56,7%) postos de trabalho.

Mesmo com essa maior participação em números absolutos nos três subsetores citados, foi na construção civil que se registrou a maior geração de empregos formais, saindo de 99.031 (7,1%) para 240.666 (8,5%) trabalhadores, correspondendo uma variação de 143,02%, o que evidencia sua crescente formalização da mão de obra. Quanto ao sexo, as informações do DIEESE (2013) destacam que, no ano de 2012, 60% das mulheres empregadas no setor da construção civil se encontram com a carteira assinada. Realidade diferente para os homens: que apenas 30% deles possuem carteiras assinadas.

Em ambos os anos, a menor participação feminina esteve no subsetor de extrativista mineral com apenas 9,7% no ano 2006, e 11% no ano de 2012, não obstante um aumento de 2,7%.

O bom desempenho do setor da construção esteve associado à expansão dos investimentos públicos em obras de infraestrutura e em unidades habitacionais, ocorrida a partir de programas de governo: Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em 2007 e o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em 2009 (DIEESE, 2013). Diante desse cenário, faz-se importante ressaltar os impactos sobre o nível de emprego. Assim, a tabela 2 mostra a divisão da CNAE, considerando-se, pois, somente os setores da construção civil, segundo o sexo do trabalhador. Pode-se destacar o desempenho da construção de edifícios na geração de postos de trabalho no ano de 2006, cujo número de empregos masculinos era de 578.823

(91,8%) contra 51.587 (8,2%) do sexo feminino, no ano de 2012. Ambos os sexos aumentaram sua participação, o masculino foi para 1.214.007 (90,6%) trabalhadores, e o sexo feminino passou para o valor de 125.904 (9,4%). É importante destacar que, não obstante, a maior participação em números absolutos de trabalhadores do sexo masculino, foram as mulheres que apresentaram a maior variação percentual, 144,06% contra 109,74% dos homens.

Tabela 2 - Número de ocupados formais segundo a Divisão CNAE e o sexo do trabalhador, 2006/2012- Brasil

CNAE DIVISÃO	2006				2012				% ABS	
	MAS		FEM		MAS		FEM		MAS	FEM
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	%	%
Construção de Edifícios	578.823	91,8	51.587	8,2	1.214.007	90,6	125.904	9,4	109,74	144,06
Obras de Infraestrutura	477.690	92,8	36.823	7,2	863.977	91,3	81.912	8,7	80,87	122,45
Serviços especializados para construção	273.971	93,3	19.819	6,7	670.101	91,8	59.472	8,2	144,59	200,08
<b>Total</b>	<b>1.330.484</b>	<b>92,5</b>	<b>108.229</b>	<b>7,5</b>	<b>2.748.085</b>	<b>91,1</b>	<b>267.288</b>	<b>8,9</b>	<b>106,55</b>	<b>146,97</b>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE

No que se refere às obras de infraestrutura, os homens é que detêm a maior participação em números absolutos, 477.690 (92,8%) no ano 2006 e 863.977 (91,3%) no ano 2012, correspondente a uma variação de 80,87%. Já as mulheres aumentaram o número de empregos de 36.823 (7,2%) para 81.912 (8,7%), com variação de 122,45%. Mesmo com a maior variação na geração de postos de trabalhos, as mulheres detêm a menor participação em números absolutos e relativos. É importante ressaltar o crescimento do segmento da construção pesada nos últimos anos, em decorrência do aumento de investimentos públicos e privados em infraestrutura, sendo essa variável condição fundamental para a garantia do desenvolvimento do país.

Acrescente-se a informação de que, das 50 maiores obras de infraestrutura do mundo, 14 estão no Brasil, são elas: a transposição do Rio São Francisco; a construção da usina nuclear de Angra; rodoanel de São Paulo; as usinas hidrelétricas de Teles Pires e São Luís de Tapajós; o complexo petroquímico do Rio de Janeiro; as plataformas de produção de Petróleo e Pré-sal; as obras de estádios e acessibilidade para a Copa do Mundo 2014; e as obras de saneamentos que têm alcançado melhorias em muitas cidades (DIEESE, 2013). Tal desempenho impacta a geração de empregos.



Em relação aos serviços especializados para construção civil, mais uma vez o sexo masculino apresenta maior número de empregos formais, 273.971(93,3%) em 2006 e 670.101 (91,8%) em 2012, e variação de 144,59%. Enquanto isso o sexo feminino no primeiro ano apresentou o número de 19.819 (6,7%) e elevou-se para 59.472 (8,2%), com variação de 200,08%. A mesma dinâmica, a saber: é confirmada, as mulheres possuem a menor participação, embora esta participação venha aumentando nos anos considerados.

A tabela 3 mostra as classes que compõem a divisão da construção de edifícios para cada sexo. Na incorporação de empreendimentos imobiliários, os homens detinham em 2006 36.039 empregos, em 2012, valor que subiu para 156.181, correspondendo a uma à variação de 333,01%; ao mesmo tempo as mulheres passaram de 42.389 para 99.282, com variação de 189,43%. Para essa variável, embora as mulheres tenham aumentado o número de ocupações, perderam participação relativa, pois a geração de empregos apresentada foi inferior àquela ocorrida para os homens.

Tabela 3 - Número de ocupados formais segundo a classificação da CNAE (Classe 41) e o sexo do trabalhador, 2006/2012 – Brasil

CNAE 41-CLASSE	2006				2012				% ABS	
	MAS		FEM		MAS		FEM		MAS	FEM
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	%	%
Incorporação de empreendimentos imobiliários	36.069	79,7	9.198	20,3	156.181	85,4	26.622	14,6	333,01	189,43
Construção de edifícios	542.754	92,8	42.389	7,2	1.057.826	91,4	99.282	8,6	94,90	134,22
<b>Total</b>	<b>578.823</b>	<b>91,8</b>	<b>51.587</b>	<b>8,2</b>	<b>1.214.007</b>	<b>90,6</b>	<b>125.904</b>	<b>9,4</b>	<b>109,74</b>	<b>144,06</b>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/TEM

Na construção de edifícios, os maiores números de postos ocupados continuam a ser do sexo masculino com o valor de 542.754 (92,8%) no ano de 2006 e de 1.057.826 (91,4%) no ano 2012, com variação de 94,90%. O sexo feminino aumentou o número de empregos formais de 42.389 (7,2%) para 99.282 (8,6%), o que conferiu uma variação de 134,22%, maior que o apresentado pelo sexo masculino, e, também, aumento na participação relativa de 7,2% para 8,6%.

A tabela 4 indica as classes que compõem a divisão de obras de infraestrutura para cada sexo. No que se refere aos homens, em ambos os anos, o número de empregos formais se destaca no campo da construção de rodovias e

ferrovias: 106.032 em 2006 e aumento de 184.667, correspondente a uma variação de 74,16%.

Tabela 4 - Número de ocupados formais segundo a classificação da CNAE (Classe 42) e o sexo do trabalhador, 2006/2012 - Brasil

CNAE 42-CLASSE	2006				2012				% ABS	
	MAS		FEM		MAS		FEM		MAS	FEM
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	%	%
Construção de rodovias e ferrovias	106032	93,8	6959	6,2	184667	91,7	16684	8,3	74,16	139,75
Construção de obras de arte especiais	36899	93,1	2716	6,9	97737	91,6	9012	8,4	164,88	231,81
Obras de urbanização - ruas, praças e calçadas	20996	83,2	4242	16,8	36578	83,9	7002	16,1	74,21	65,06
Obras para geração e distribuição de energia elétrica e para telecomunicações	97092	91,8	8636	8,2	178280	90,3	19153	9,7	83,62	121,78
Construção de redes de abastecimento de água, coleta de esgoto e construções correlatas	14753	93,9	961	6,1	28538	91,0	2831	9,0	93,44	194,59
Construção de redes de transportes por dutos, exceto para água e esgoto	4265	93,4	303	6,6	5983	91,6	547	8,4	40,28	80,53
Obras portuárias, marítimas e fluviais	3181	95,2	161	4,8	5827	92,7	457	7,3	83,18	183,85
Montagem de instalações industriais e de estruturas metálicas	62384	94,9	3371	5,1	135966	93,4	9627	6,6	117,95	185,58
Obras de engenharia civil não especificadas anteriormente	132088	93,3	9474	6,7	190401	92,0	16599	8,0	44,15	75,21
<b>Total</b>	<b>477690</b>	<b>92,8</b>	<b>36823</b>	<b>7,2</b>	<b>863977</b>	<b>91,3</b>	<b>81912</b>	<b>8,7</b>	<b>80,87</b>	<b>122,45</b>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/TEM

O maior destaque para as mulheres ocorreu na área de obras para geração e distribuição de energia elétrica e para telecomunicações: 8.636, em 2006, com aumento para 19.1553, em 2012, conseqüentemente uma variação de 121,78%.

A tabela 5 indica as classes que compõem a divisão de serviços especializados para construção por parte de cada sexo. Nessa tabela se destaca as obras de acabamento com maior número de postos de trabalho formais para ambos os sexos. O sexo masculino no ano de 2006, detinha 59.830 ocupações, com elevação para 160.692 em 2012, variação de 168,58%.

Tabela 5 - Número de ocupados formais segundo a classificação da CNAE (Classe 43) e o sexo do trabalhador, 2006/2012 – Brasil

CNAE 43-CLASSE	2006				2012				% ABS	
	MAS		FEM		MAS		FEM		MAS	FEM
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	%	%
Demolição e preparação de canteiros de obras	5.677	94,1	357	5,8	6.130	92,6	490	7,3	7,98	37,25
Perfurações e sondagens	4.806	94,3	288	5,6	9.907	92,4	812	7,5	106,14	181,94
Obras de terraplenagem	33.056	94,4	1.960	5,6	74.174	93,3	5.314	6,7	124,39	171,12
Serviços de preparação do terreno não especificados anteriormente	1.170	93,0	88	6,5	6.009	94,9	322	5,0	413,59	265,91
Instalações elétricas	41.963	92,7	3.292	7,3	117.902	90,8	11.896	9,2	180,97	261,36
Instalações hidráulicas, de sistemas de ventilação e refrigeração	21.072	91,6	1.933	8,4	60.854	89,2	7.344	10,8	188,79	279,93
Obras de instalações em construções não especificadas anteriormente	38.939	91,9	3.445	8,1	54.457	89,5	6.417	10,5	39,85	86,27
Obras de acabamento	59.830	94,0	3.846	6,0	160.692	92,7	12.615	7,3	168,58	228,00
<b>Total</b>	<b>206.513</b>	<b>93,1</b>	<b>15.209</b>	<b>6,9</b>	<b>490.125</b>	<b>91,6</b>	<b>45.210</b>	<b>8,4</b>	<b>137,33</b>	<b>197,26</b>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/TEM

As mulheres detinham 3.826 no primeiro ano e passaram a apresentar 12.615, com variação de 228%, superior à apresentada pelo sexo masculino. Além disso, destaque-se o aumento da participação relativa feminina que representava 6% em 2006 e passou para 7,3% em 2012, embora ainda seja expressivamente inferior ao número apresentado pelo sexo masculino.

Pelas informações contidas acima, fica, pois, evidente que, embora as mulheres sejam minoria nas atividades da construção civil brasileira, elas elevam-se relativamente sua participação em quase todos os subsetores considerados, no intervalo de tempo que compreende os anos de 2006 e 2012. Com isso, vê-se que mesmo diante de uma maioria esmagadora masculina, elas conseguem relativamente adentrar esse setor de atividade economia com as expressivas variações percentuais registradas.

#### **4 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E DEMOGRÁFICA DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA**

As transformações do papel da mulher contemporânea, como a independência financeira, o papel de chefe de família, realização profissional, complementação da renda familiar, entre outros, possibilitaram o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho (WAJNMAN; PERPÉTUO, 1997;

BRUSCHINI ; LOMBARDI, 2000; LEONE, 2003; BRUSCHINI, 2006; 2007; COSTA, 2008; LEONE ; BALTAR, 2010). Nessa conjuntura o bom desempenho da construção civil, visto, nos anos 2000, proporcionou a crescente absorção dessa mão de obra no setor citado (SILVA, 2013).

Assim, de acordo com a tabela 06, ficou, evidenciado o crescimento do número de mulheres empregadas na construção civil. Em termos absolutos, a maior participação feminina ficou na construção de edifícios, em que no ano de 2006 representava 51.587 (47,7%) e no ano de 2012 aumentou para 125.904 (47,01%), o que conferiu uma variação de 144,06%. Essa dinâmica da geração de empregos do setor pode estar associada à entrega de um milhão de unidades habitacionais no início de 2013, o que contribuiu fortemente para a geração de cerca de 1,4 milhões de empregos formais no ano de 2012. A principal fonte de investimento em habitação foi o Sistema Financeiro Habitacional (SFH), de acordo com as informações do DIEESE (2013).

Tabela 6 - Número de emprego formal feminino segundo os setores da construção civil no Brasil, 2006/2012

SETORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL	2006		2012		VAR%
	ABS	%	ABS	%	
Construção de Edifícios	51587	47,7	125904	47,1	144,061
Obras de Infra-Estrutura	36823	34,0	81912	30,6	122,448
Serviços especializados para construção	19819	18,3	59472	22,3	200,076
Total	108229	100,0	267288	100,0	146,965

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados RAIS/MTE

Já o setor da construção civil que apresentou maior variação relativa entre os anos em estudo foram os serviços especializados para construção: 19.819 (18,3%) em 2006 e 59.472 (22,3%) em 2012, apresentando desse modo variação de 200,07%. Observe-se também a variação positiva no setor de obras e infraestrutura: 122,44%.

No que se refere ao tamanho do estabelecimento, segundo a tabela 07, na construção de edifícios o maior destaque foi do microestabelecimento: 17.818 (34,54%); porém, no ano de 2012, o maior destaque vai para o médio estabelecimento: 35.692 (28,35%), sendo que o bom desempenho desses subsetores advém das medidas tomadas pelo governo, como o aumento do crédito, a queda na taxa de juros e a redução dos impostos (SILVA, 2013).

Nas obras de infraestrutura em 2006 o destaque foi para o médio estabelecimento com 9.922 (26,95%); já em 2012 o destaque foi para o grande estabelecimento com 40.822 (49,84%), resultado justificado pelo aumento dos investimentos para as obras de infraestrutura de transporte e logística (SILVA, 2013). E, como ressalta o DIEESE (2013), as construtoras de menores portes predominam o setor da construção civil, enquanto, no segmento da construção pesada, os destaques estão para as empresas incorporadas ou para as multinacionais.

Tabela 7 - Número de emprego formal feminino segundo ao tamanho do estabelecimento da construção civil no Brasil, 2006/2012

Tamanho Estabelecimento	2006					2012					VAR %				
	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios	Obras de Infra-Estrutura	Serviços Especializados para Construção
Micro	17818	34,54	4616	12,54	5957	30,06	33728	26,79	6946	8,48	21140	35,55	89,29	50,48	254,88
Pequeno	14411	27,94	7068	19,19	5493	27,72	33434	26,56	12552	15,32	16724	28,12	132,00	77,59	204,46
Médio	11450	22,20	9922	26,95	4665	23,54	35692	28,35	21592	26,36	12515	21,04	211,72	117,62	168,27
Grande	7908	15,33	15217	41,32	3704	18,69	23050	18,31	40822	49,84	9093	15,29	191,48	168,27	145,49
Total	51587	100	36823	100	19819	100,00	125904	100,00	81912	100,00	59472	100,00	144,06	122,45	200,08

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados RAIS/MTE

Nos serviços especializados para construção, novamente o maior destaque vai para microestabelecimento em 2006: 5.957 (30,06%) e, no ano de 2012, continua a deter o maior número: 21.140 (35,55%).

Quanto à faixa etária, a tabela 08 mostra que em 2006 o maior destaque foi para empregadas com a idade de 30 a 39 anos. Para essa faixa etária, o maior destaque ficou para o setor da construção de edifícios com o número de 16.163, detendo também a maior participação relativa de 31,33%, e no ano de 2012 a construção de edifícios continuou a ser destaque com um número de 41.574, assim como a maior participação relativa de 33,02%.

Tabela 8 - Número de emprego formal feminino segundo a faixa etária da construção civil no Brasil, 2006/2012

Faixa Etária	2006					2012					ABS				
	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios	Obras de Infra-Estrutura	Serviços Especializados para Construção
Até 17	354	0,69	218	0,59	138	0,70	1742	1,38	1701	2,08	771	1,30	392,09	680,28	458,70
18 A 24	9066	17,57	7105	19,30	3841	19,38	23532	18,69	16019	19,56	12100	20,35	159,56	125,46	215,02
25 A 29	10757	20,85	8036	21,82	3994	20,15	25768	20,47	16235	19,82	11550	19,42	139,55	102,03	189,18
30 A 39	16163	31,33	11085	30,10	5913	29,84	41574	33,02	26465	32,31	18571	31,23	157,22	138,75	214,07
40 A 49	10569	20,49	6959	18,90	4025	20,31	21899	17,39	13867	16,93	10540	17,72	107,20	99,27	161,86
50 A 64	4485	8,69	3276	8,90	1792	9,04	10898	8,66	7302	8,91	5730	9,63	142,99	122,89	219,75
65 ou mais	193	0,37	144	0,39	116	0,59	491	0,39	323	0,39	210	0,35	154,40	124,31	81,03
Total	51587	100,00	36823	100,00	19819	100,00	125904	100,00	81912	100,00	59472	100,00	144,06	122,45	200,08

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-MTE

Porém é importante ressaltar que a primeira faixa etária foi a responsável pelas maiores variações percentual. Assim na construção de edifícios o número de mulheres empregadas passou de 354 para 1.742 (392,09%); nas obras de infraestrutura, o número passou de 218 para 1701 (680,28%); e, nos serviços especializados para construção, aumentou de 138 para 771 (458,70%).

A busca pelo acesso à escolaridade decorreu da necessidade da profissionalização da mão de obra feminina, independente da escolha profissional, ou seja, a escolaridade é fortemente ligada ao mundo do trabalho, favorecendo a entrada no mercado formal. Registra-se também a busca constante dessas mulheres por melhores posições, cargos públicos e políticos (LUZ; FUCHINA, 2010).

Diante disso, a tabela 09 mostra que a maior participação esteve para o grupo com ensino médio completo: na construção de edifícios em 2006 aumentou de 19.460 para 48.885 em 2012 (151,21%); nas obras de infraestrutura o número passou de 15.396 para 35.365 (129,70%); e nos serviços especializados para construção a variação é de 8.220 para 30.239 (267,87%). Os resultados corroboram o do DIESSE (2013), o qual mostra que a contratação do setor está concentrada na faixa de ensino médio, realidade essa verificada para os três setores.

Tabela 9 - Número de emprego formal feminino segundo a escolaridade da construção civil no Brasil, 2006/2012

Escolaridade após 2005	2006					2012					VAR %				
	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios	Obras de Infra-Estrutura	Serviços Especializados para Construção
Analfabeto	233	0,5	180	0,49	114	0,58	292	0,23	157	0,19	106	0,18	25,32	-12,78	-7,02
Até 5ª Incompleto	1828	3,5	1935	5,25	692	3,49	4541	3,61	2791	3,41	1094	1,84	148,41	44,24	58,09
5ª Completo Fundamental	3070	6	2351	6,38	982	4,95	3948	3,14	3408	4,16	1485	2,50	28,60	44,96	51,22
6ª a 9ª Fundamental	3948	7,7	2788	7,57	1666	8,41	7409	5,88	5712	6,97	3159	5,31	87,66	104,88	89,62
Fundamental Completo	5683	11	3583	9,73	2531	12,77	11208	8,90	6954	8,49	6441	10,83	97,22	94,08	154,48
Médio Incompleto	3308	6,4	2082	5,65	1362	6,87	7886	6,26	6149	7,51	4659	7,83	138,39	195,34	242,07
Médio Completo	19460	38	15396	41,81	8220	41,48	48885	38,83	35365	43,17	30239	50,85	151,21	129,70	267,87
Superior Incompleto	4435	8,6	2877	7,81	1581	7,98	12056	9,58	5790	7,07	4297	7,23	171,84	101,25	171,79
Superior Completo	9293	18	5607	15,23	2663	13,44	29009	23,04	15439	18,85	7825	13,16	212,16	175,35	193,84
Mestrado	250	0,5	18	0,05	8	0,04	529	0,42	110	0,13	130	0,22	111,60	511,11	1525,00
Doutorado	79	0,2	6	0,02	0	0,00	141	0,11	37	0,05	37	0,06	78,48	516,67	
Total	51587	100	36823	100	19819	100	125904	100,00	81912	100,00	59472	100,00	144,06	122,45	200,08

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-MTE

É importante observar a baixa participação nas faixas de mestrado e doutorado. Na construção de edifícios os empregados com mestrados passaram de 250 (0,5%) em 2006 para 529 (0,422%) em 2012; nas obras de infraestrutura o número passou de 18 (0,05%) para 110 (0,13%); e nos serviços especializados para construção passou de 8 (0,04%) para 130 (0,22%). Já no que se refere às empregadas com doutorado na construção de edifícios passou de 79(0,2%) para 141 (0,11%); nas obras de infraestrutura passou de 6 (0,02%) para 37 (0,05%) e serviços especializados para construção passou de 0 para 37 (0,06%).

Quanto à questão da rotatividade, é importante ressaltar os efeitos perversos sobre o mercado de trabalho brasileiro, pois, para o trabalhador a rotatividade gera insegurança, além do rebaixamento da remuneração. Por outro lado, para o empregador simboliza redução de custos (DIEESE, 2013). A tabela 10 mostra que a maioria das mulheres empregadas nesses setores passam pouco tempo em seus empregos, pois os maiores números absolutos estão para faixa de até menos de 1 (um) ano ocupadas. A construção de edifícios apresentava um número de 21.181 (41,06%) e passou para 59.846 (47,63%), correspondente à variação de 182,54%; nas obras de infraestrutura o aumento foi 16.779 (45,57%) para 39.571 (48,31%), com variação de 135,83%; e, nos serviços especializados para construção, a variação foi de 8.305 (41,90%) para 30.478 (51,25%), representando 266,98%.



resultado é uma particularidade do processo produtivo da construção civil, pois o tempo de trabalho na construção ocorre através de contrato temporário ou empreitada, ou seja, os contratos se encerram de acordo com o término da obra (SILVA, 2013). Os resultados encontrados na tabela 10 estão de acordo com aqueles apontados pelo DIEESE (2013): a taxa de rotatividade é maior na construção de edifícios (125,8%) do que nas obras de infraestrutura (105,0%).

Tabela 10 - Número de emprego formal feminino segundo tempo de emprego da construção civil no Brasil, 2006/2012

Faixa Tempo Emprego	2006						2012						VAR %		
	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios	Obras de Infra-Estrutura	Serviços Especializados para Construção
Até menos de 1 ano	21181	41,06	16779	45,57	8305	41,90	59846	47,53	39571	48,31	30478	51,25	182,545678	135,8365	266,983745
12,0 a 23,9 meses	9240	17,91	6472	17,58	3835	19,35	25379	20,16	18671	22,79	12223	20,55	174,664502	188,4889	218,722295
24,0 a 59,9 meses	11024	21,37	7513	20,40	4162	21,00	24854	19,74	15637	19,09	11430	19,22	125,453556	108,1326	174,627583
60,0 a 119,9 meses	6082	11,79	3418	9,28	2266	11,43	9159	7,27	4585	5,60	3232	5,43	50,5919106	34,14277	42,6301853
120,0 meses ou mais	4049	7,85	2638	7,16	1247	6,29	6661	5,29	3446	4,21	2101	3,53	64,5097555	30,62926	68,4843625
{ñ class}	11	0,02	3	0,01	4	0,02	5	0,00	2	0,00	8	0,01	-54,545455	-33,3333	100
Total	51587	100	36823	100	19819	100	125904	100	81912	100	59472	100	144,061488	122,4479	200,075685

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-MTE

Já as menores participações femininas estão para faixa de tempo de emprego de 10 anos ou mais com 4.049 (7,85%) em 2006 e 6.661 (5,29%) em 2012, tendo como variação o valor de 64,50% na construção de edifícios; em obras de infraestrutura essa aumentou de 2.638 (7,16%) para 3.466 (4,21), com variação de 30,62%; e, nos serviços especializados para construção, ela passou de 1.247(6,29%) para 2.101 (3,535), representando variação de 68,48%.

Quanto à faixa de remuneração, destacam-se as trabalhadoras que auferem mais de um até dois salários mínimos. Na construção de edifícios, aumentou de 25.660 para 63.902 (149,03%); nas obras de infraestrutura, passou de 17.624 para 38.147 (116,44%); e, nos serviços especializados para construção, o aumento foi de 10.367 para 35.665 (244,02%).



Tabela 11 - Número de emprego formal feminino segundo faixa de remuneração da construção civil no Brasil, 2006/2012

Faixa Remuneração Média (SM)	2006						2012						VAR %		
	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios (ABS)	%	Obras de Infra-Estrutura (ABS)	%	Serviços Especializados para Construção (ABS)	%	Construção de Edifícios	Obras de Infra-Estrutura	Serviços Especializados para Construção
até 1,00	3013	5,84	1529	4,15	1213	6,12	8329	6,62	5108	6,24	4439	7,46	176,44	234,07	265,95
1,01 a 2,00	25660	49,74	17624	47,86	10367	52,31	63902	50,75	38147	46,57	35665	59,97	149,03	116,45	244,02
2,01 a 4,00	12885	24,98	9692	26,32	5117	25,82	29199	23,19	21176	25,85	13091	22,01	126,61	118,49	155,83
4,01 a 7,00	5100	9,89	3821	10,38	1684	8,50	12526	9,95	8564	10,46	3880	6,52	145,61	124,13	130,40
7,01 a 15,00	3816	7,40	2960	8,04	1058	5,34	8864	7,04	6415	7,83	1665	2,80	132,29	116,72	57,37
mais de 15,01	694	1,35	721	1,96	142	0,72	1854	1,47	1675	2,04	240	0,40	167,15	132,32	69,01
{fi class}	419	0,81	476	1,29	238	1,20	1230	0,98	827	1,01	492	0,83	193,56	73,74	106,72
Total	51587	100	36823	100	19819	100	125904	100	81912	100	59472	100	144,06	122,45	200,08

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-MTE

É importante observar o grande número de mulheres nesse faixa. O resultado pode ser justificado pela a rotatividade que, como explica Silva (2013), favorece a redução salarial da força de trabalho e por outro lado, como ressalta Costa (2008), mesmo com as mulheres sendo mais escolarizadas, ainda recebem remuneração inferior ao sexo masculino. Ou seja, apesar da exigência por maior escolaridade, a remuneração ainda é muito baixa (DIEESE, 2013).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo principal discutir o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho e especificamente no setor da construção civil, que é tido como uma área mais adequada ao sexo masculino. Para atender a esse objetivo no primeiro momento apresentaram-se algumas discussões teóricas acerca da retomada do crescimento econômico e do papel desempenhado pela construção civil brasileira. Em seguida fez-se um estudo das configurações estruturais no Brasil e seus impactos sobre o mercado de trabalho a partir da década de 1950. Abordou-se ainda a questão da mulher no mercado de trabalho, as conquistas alcançadas e as dificuldades vividas.

Na construção civil foi visto que fatores da atividade econômica proporcionaram um bom dinamismo para esse setor gerando aumento no número de ocupações. Em conjunto com esse cenário a literatura mostrou que tanto fatores da atividade econômica, como a mudança no perfil da mulher fizeram com que sua

participação fosse cada vez mais crescente em guetos masculinos, com ênfase na construção civil.

Diante disso os principais resultados desse trabalho confirmaram o aumento do emprego na construção civil para ambos os sexos, sendo que o sexo feminino apresentou as maiores variações percentuais, mesmo ainda ostentando números inferiores ao sexo masculino em termos absolutos. Dentro da construção civil, o setor de maior destaque no número de ocupações é a construção de edifícios, sendo que a maior variação percentual esteve para as mulheres com 144,06 %; nas obras de infraestrutura e serviços novamente a maior variação vai para o sexo feminino com 122,45%, mesmo ainda apresentando menor número em termos absolutos, dentro desse setor em 2012; a maior participação relativa para o sexo feminino passa ser nas obras de urbanização (ruas, praças e calçadas) com 16,8% em 2006 e 16,1% 2012; nos serviços especializados para construção as mulheres apresentaram tanto aumento na participação relativa quanto variação percentual acima daquelas apresentadas para os homens. Dentro desse setor, o maior destaque para ambos os anos se encontra nas instalações hidráulicas, de sistema de ventilação e refrigeração.

Quanto ao estabelecimento no ano de 2006 na construção de edifícios o maior número de ocupados encontra-se no microestabelecimento. No ano de 2012 a maior capacidade de mão de obra ficou para o médio estabelecimento. Já nas obras de infraestrutura, o destaque foi para o grande estabelecimento e nos serviços especializados para construção se destacou o microestabelecimento para ambos os anos.

Em relação às características socioeconômicas e demográficas das ocupadas, quanto à idade, predominam as mulheres na faixa de 30 a 39 anos para ambos os anos e ambos os setores da construção civil. A instabilidade do emprego nesse setor foi observada a partir da faixa de tempo de emprego. Para ambos os anos e setores da construção civil, a maioria das mulheres permanecem apenas até menos de um ano em suas ocupações. No que se refere à escolaridade, o maior número de mulheres empregadas se encontra na faixa de escolaridade médio completo, seguido da faixa superior completo; a mesma dinâmica foi encontrada para ambos os anos e setores.

Os dados aqui encontrados corroboram a literatura, segundo o qual as mulheres auferem baixos salários; pois foi visto que o maior número de ocupações formais se encontra na faixa de um a dois salários mínimos para ambos os setores e ambos os anos. Em síntese pode-se concluir que nos anos estudados, apesar do aumento da participação feminina, ainda existem para elas muitos desafios. A elevada rotatividade e as baixas remunerações apontam a precariedade do emprego; e ainda é importante ressaltar que, mesmo diante do aumento da participação feminina, o número em termos absolutos e relativos ainda é baixo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária. In: HIRATA, H; SEGNINI, L. (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed SENAC, 2008.

ALVES, G. A. P. **Trabalho e Subjetividade** - O "espírito do toyotismo" na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Editora Boitempo, 2011. v. 1. 164p .

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 10. ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

BALTAR, P. E. A. Trabalho no governo Lula: uma reflexão sobre a recente experiência brasileira. In: **Global Labour University Working Papers**. Paper n. 9, maio 2010.

BRESSER – PEREIRA, L. C. **Da Macroeconomia Clássica à Keynesiana**. EC-MACRO –L-1968. São Paulo, abril de 1968.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado ?. In: ARAÚJO, C.; PICANÇO, F.; SCALON, C. (Org.). **Novas conciliações e antigas tensões?** Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada. BAURU, SP: EDUSC, 2007.

BRUSCHINI, M. C. A. ; LOMBARDI, M. R. . Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana. (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2008, v. , p. 42-87.

BRUSCHINI, M. C. A. ; UNBEHAUM, S. G. ; LOMBARDI, M. R. Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. **O Progresso das Mulheres no Brasil**. Brasília: Fundação FORD e CEPIA, 2006, v. 1, p. 60-93.

BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: BRUSCHINI, C.; COSTA, A.; HIRATA, H.; SORJ, B.; (Org.). **Mercado de Trabalho e Gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.20 .

BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Travail et genre dans les région du Brésil. In: HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R.; MARUANI, M. (Org.). **Travail et genre: regards croisés**. France Europe Amérique latine. Paris: La Découverte, 2008.

COCCO, G. Novas figuras do trabalho no pós-fordismo: o trabalho imaterial. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 4., 1995, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABET, 1995. (v.2.).

COSTA, M. O. **Mulher e Mercado de Trabalho**: a Realidade Cearense. 2008.

DE ASSIS, R.H. Inseção da mulher no mercado de trabalho. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO- CONVIBRA, 6., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009.

DIEESE. Crescimento do setor da construção civil favorece a expansão de postos de trabalho e rendimento. **Boletim Trabalho e Construção**, n. 4 , out. 2010.

FERRARI FILHO, F. A crítica pós-keynesiana ao mainstream: os fundamentos e refinamentos teóricos acerca de um velho debate econômico. **Estudos do CEPE (UNISC)**, Santa Cruz do Sul, n. 5, p. 7-20, 1997.

FIGUEIREDO, M. G.; MICHEL, R.; RANGEL, R. Acumulação flexível e novas relações de trabalho. In: Encontro Nacional de Estudos do trabalho. ABET, 4., 1995, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

HELOANI, J. R. **Organização do Trabalho e Administração**: Uma visão multidisciplinar. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

HENRIQUE, W. Crise econômica e ajuste social. In: OLIVEIRA, Marco Antonio. (Org.). **Reforma do estado; políticas de emprego**. CAMPINAS: IE/UNICAMP, 1998, p.73-108. (v. 1)

HIRATA, H. (Org.); SEGNINI, L. (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed SENAC, 2008. 360p.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002. 336p.

LOMBARDI, M. R. Engenheira e gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. In: COSTA, Albertina de Oliveira; SORJ, Bila; BRUSCHINI, Cristina; HIRATA, Helena. (Org.). **Mercado de trabalho e gênero**. Comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 387-402.

LUZ, A. F. ; FUCHINA, R. A Evolução Histórica dos Direitos da Mulher sob a Ótica do Direito do Trabalho. **Semina (UPF)**, v. 7, p. 81-96, 2010.

MACHADO, D. C, Flexibilidade do mercado de trabalho: a questão do tempo de trabalho. **CEDE**, Texto para discussão n. 62, mar. 2011.

NASSIF, E. N. **Fundamentos da Flexibilização**: Uma análise de paradigmas paradoxos do direito e do processo do trabalho, São Paulo: Ltr, 2001.

NEVES JR., L. F.; PAIVA, L. H. **A relação entre crescimento econômico e emprego no Brasil**: referencial teórico, evidências empíricas e recomendações de políticas. Outubro, 2006. 62 p. (manuscrito não publicado).

NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Célia Maria. **Gênero, flexibilização e precarização**: o trabalho a domicilio na indústria de confecção. Sociedade e Estado (UnB. Impresso), v. 22, p. 12 - 20 , 2007.

OLIVEIRA, G. Modernização das relações de trabalho: uma nova estrutura de poder na fábrica? In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO TRABALHO - ABET, 4., 1995, São Carlos, SP. **Anais...** São Carlos, SP, 1995.

OLIVEIRA, M E. **Breves Comentários Sobre Nove Grandes Economistas**. Pensando Como Economista. Impresso no Brasil, 2010.

PAZELLO, E. T.; FERNANDES, R. Fecundidade e Participação da Mulher no Mercado de Trabalho: A Diferença de Comportamento entre Mulheres que têm e Mulheres que não têm Filhos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO (ABET), 7., 2003, São Paulo-SP. **Anais...** São Paulo, 2003.

PEREIRA, R. S.; NOVACKI, W.; SANTOS, D. A. A Mulher no Mercado de Trabalho. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS - MUNDIALIZAÇÃO E ESTADOS NACIONAIS; A QUESTÃO DA EMANCIPAÇÃO E DA SOBERANIA, 2., 2005, São Luís. **Anais...** São Luís, 2005. CD.

SEBRAE. **Cadeia produtiva da construção civil cenários econômicos e estudos setoriais**, 2008.

SILVA, A. T. C. **A mulher no mercado de trabalho brasileiro**. Ituiutaba, MG: Faculdade de ciências Integradas do Pontal (FACIP), 2012. Artigo Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA, Mayra Rachel da ; OSTERNE, M. S. F . Canteiro de obras, lugar de mulher?. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EPESQUISA - UNIFOR, FORTALEZA. ENCONTRO DE INICIAÇÃO À PESQUISA, 11., 2011, Fortaleza, 2011. **Anais...** Fortaleza: UNIFOR, 2011 p. 01-04.

SOUZA JÚNIOR, O. M ; REIS, H. B.. O canto das sereias: migrações e desafios de meninas que sonham ter o futebol como profissão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos., 9., 2010, Florianópolis-SC. **Anais...**, 2010. v. 9. p. 1-9.

BRUSCHINI, M. C. A.; LOMBARDI, M. R. A Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, n.110, p.67-104, jul. 2000.  
BRUSCHINI, M. C. A.. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572. Set./Dez. 2007.

BRUSCHINI, M. C. A.. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 24, n. esp., 2006. Discussão n. 764.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. E. de A.. População ativa, mercado de trabalho e gênero na retomada do crescimento econômico. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17., 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2010.

LEONE, E.T. 2003. O trabalho da mulher em Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: M.W. PRONI; W. HENRIQUE (Org.). **Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90**. São Paulo, Editora UNESP; Campinas, SP, Instituto de Economia da UNICAMP, p. 199-230.

WAJNMAN, S.; PERPÉTUO, I.H. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, 1997.